



Entrevista exclusiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, à Rádio Itatiaia

Belo Horizonte-MG, 31 de julho de 2009

Jornalista: Presidente, eu tenho que cometer essa inconveniência: eu entendi mal ou o senhor está querendo arrumar um projeto para segurar os craques no Brasil? Porque essa prosa está girando muito em futebol, hein?

Presidente: Não, mas veja, todo mundo sabe que eu gosto de futebol, todo mundo sabe que o Aécio gosta de futebol. E obviamente que futebol é uma paixão nacional, ou seja, 90% dos brasileiros adoram futebol. Mas o que nós estamos vendo agora? Nós estamos vendo os nossos jovens saírem daqui com 17 anos de idade e voltarem com 32 para jogarem no Brasil, ou seja, no auge da carreira eles estão jogando no exterior.

Do ponto de vista da realização individual, profissional, é correto. A meninada precisa ganhar dinheiro mesmo, a profissão é muito curta, e tal. Mas o que nós não podemos é que, além de a gente perder os nossos craques, no meio do campeonato abre a janela dos países europeus e os times que estão disputando o campeonato vendam seus jogadores.

Jornalista: O seu Corinthians, por exemplo, está sendo despedaçado.

Presidente: Mas o Cruzeiro. O Cruzeiro perdeu o Ramirez no auge da disputa da Libertadores.

Jornalista: Já jogou a Libertadores meio... não é?

Presidente: O jogador fica com medo de se machucar e não poder ir para o



lugar. Agora, veja, o Corinthians acabou de ser campeão da Série B, perdeu só um jogo, depois foi campeão paulista invicto, campeão da Copa Brasil, está pensando na Libertadores e tem que ser campeão brasileiro. Ou seja, desmonta o time, perde quatro jogadores em um final de semana.

Jornalista: O senhor acha que o governo consegue entrar nisso? Porque tem a questão do mercado...

_____ : O calendário do futebol brasileiro, do campeonato brasileiro?

Presidente: Ou tem uma lei proibindo a venda de jogadores no meio do campeonato, ou você muda o calendário brasileiro para que o calendário do futebol brasileiro seja compatível com a abertura de janelas do mercado externo. Alguma coisa nós vamos fazer. Agora, desliga aí para eu te falar alguma coisa.

Jornalista: Desliga aí que ele quer falar uma coisa com o Governador ali, Viana. Desligar eu não posso, porque em rádio é difícil, vamos sair de perto. Agora ele está tomando um café e voltou para o “pé de ouvido”. Mas é prosa mineira mesmo, viu, Viana? É prosa de mercado central.

Governador Aécio Neves: Estou aqui com o Presidente agora. Presidente, seja muito bem-vindo às alterosas (incompreensível)

Jornalista: Antes de ir embora, o senhor é sempre categórico, quando ele vem aqui o senhor tem que tratar ele bem e tal. O senhor prevê – essa não é nem a pergunta que eu vou fazer primeiro, porque as perguntas mais chatas a gente deixa para o final – o senhor prevê que o Presidente vai conseguir conciliar... Ele tem três aliados aqui – Pimentel, Patrus, Hélio Costa – e ele tem o senhor,



que é adversário político, mas não é inimigo. Ele vai conseguir conciliar e ter palanque para a Dilma aqui?

Governador Aécio Neves: Eu sou amigo do Presidente. Estamos em partidos diferentes, mas pensamos muita coisa parecida, e acho que na frente nós ainda vamos estar trabalhando juntos pelo Brasil de alguma forma. O Presidente é jeitoso, o Presidente vai saber conduzir essas coisas. A coisa pior na política é ansiedade. O tempo – e o doutor Tancredo já dizia isso – ajuda a resolver os problemas que nós achamos mais difíceis. O tempo vai resolver a metade, a outra metade o Presidente vai saber resolver.

Presidente: E depois nós temos já duas eleições em que participamos, apoiando candidatos diferentes, e nós não tivemos nenhum problema. A grande bobagem da política é quando você mistura uma disputa eleitoral com a governabilidade que você vai ter depois e com as amizades pessoais. Para mim, política, a disputa de política é como a decisão de um título. Ou seja, o fato de o Cruzeiro e o Atlético disputarem um título aqui em Belo Horizonte, não significa que depois do jogo os jogadores não sejam amigos. A política tem que ser vista desse jeito. Você não pode tratar um concorrente seu como inimigo, como... você tem que tratar como um adversário momentâneo. Depois, vocês podem ter oitocentas coisas para fazer juntos. E a demonstração de nosso trabalho de oito anos é que nós somos mais parceiros do que adversários, mesmo na época de disputa eleitoral.

Governador Aécio Neves: Esse testemunho eu tenho que dar porque jamais, em nenhum momento, o Presidente discriminou Minas. Agora mesmo, ali na conversa de pé de ouvido, que você dizia, eu o alertava para outras questões importantes de Minas que eu tenho certeza, como fez em outros momentos, ele vai resolver. Eu quero dizer aqui de público que nesta última semana eu estive



com o ministro Guido Mantega, que está ajudando Minas em um momento difícil, com queda de arrecadação no aumento do nosso limite de endividamento, que é o único instrumento que os estados têm para repor essa queda de arrecadação. Então, o Presidente tem essa compreensão. Disputas de eleição, passou a eleição, nós temos que trabalhar juntos. Todo mundo junto já é tão difícil de resolver as coisas, quando a gente fica brigando por bobagem, por questões eminentemente partidárias, as coisas não acontecem. E isso, eu faço sempre o registro que o Presidente tem sido absolutamente correto com Minas, com os mineiros e com este seu amigo, até porque eu deixava ele jogar na lateral esquerda do meu time quando ele não era Presidente ainda.

Jornalista: Este é o governador Aécio Neves, que está se despedindo, está abraçando o presidente Lula. Presidente, faça-me o favor, senta aqui para a gente continuar essa prosa. Aliás, aproveitando que nós estávamos falando de política, hoje eu estava aqui – naquela televisão ali – vendo o senhor lá em Piraí, eu estava me lembrando aqui de alguns encontros que já tivemos nos últimos trinta anos, longe também, em Cuba, lá no Taj Mahal, na Índia, na China, mas principalmente em Diamantina, em Itinga. Eu estava lá quando o senhor foi prometer a ponte, quando o senhor foi entregar, e muitas vezes aqui. Presidente, agora que os especuladores pararam de falar em terceiro mandato, que nunca teve a sua autorização, falaram que o senhor vai voltar em 2014. Na minha cabeça, acho que o senhor vai querer voltar, depois do final do ano que vem, a Belo Horizonte, é num vôo doméstico, para encontrar com o João Paulo Pires, com o Dídimo Paiva, para tomar uma flor de macaúba e bater um papo sem pressa. O filme que passa na cabeça do senhor é qual, para depois de 2011, hein?

Presidente: Você sabe, Zé Eduardo, que as pessoas fazem muita



especulação. As pessoas fazem especulação à toa, muitas vezes uma especulação gratuita. Eu, primeiro, valorizo muito a democracia e eu acho que aquela estupidez de terceiro mandato nunca... não só nunca passou pela minha cabeça, como eu fiz questão de pedir para que meus companheiros do partido tirassem aquilo do debate porque dois mandatos já é demais para quem quer trabalhar com seriedade. Eu te confesso que trabalhei 27 anos dentro de uma fábrica e nunca na minha vida eu trabalhei o tanto que eu trabalho hoje. Então, eu acho que já cumpri com a minha obrigação. No dia 31 de dezembro de 2010 eu quero terminar o meu mandato, no dia seguinte entregar a faixa para quem for Presidente da República e viver a minha vida tranquilo. Obviamente que eu não vou deixar de fazer política, eu sou um político e vou continuar fazendo política.

E outra bobagem é falar em 2014. Outra bobagem é falar... Veja, quem for eleito em 2010 tem o direito de ser candidato à reeleição em 2014. Se for do meu partido, por que eu iria disputar com uma pessoa que ganhou as eleições, do meu partido? Se for um adversário, ele tem o direito de concorrer e, portanto, eu acho que outras pessoas vão aparecer. Quatro anos é muito tempo para surgir uma liderança política, e eu quero apenas ter a consciência tranquila de que quando eu governei o Brasil eu cumpri com as minhas obrigações e fiz aquilo que foi possível fazer para melhorar a vida do povo brasileiro.

Jornalista: Aqui em Belo Horizonte o senhor tem Patrus, Pimentel e Hélio Costa. Haverá um bom termo para a base aliada ter um palanque para a Dilma e para a base aliada ganhar a eleição, sobretudo se o seu partido não sair mais sofrido do que já ficou no ano passado?

Presidente: Olha, deixa eu te dizer uma coisa aqui, com muita sinceridade. Todo partido político gostaria de ter candidatura própria, de eleger a maioria de



deputados, de eleger a maioria de senadores e de ganhar sozinho. Esse é o sonho de cada partido político. Mas o sonho de alguém que tem responsabilidade e que sabe que a governabilidade passa por você construir uma aliança política para te dar tranquilidade, seja na sociedade, seja no Congresso Nacional, ou seja em uma Assembléia Legislativa, precisa trabalhar para construir aliança política.

Veja, aqui em Minas Gerais, você disse bem, nós temos três nomes: tem o Hélio Costa, do PMDB, tem o Pimentel, tem o Patrus. O Aécio tem nome, outros partidos vão ter nomes. O que nós precisamos fazer? Nós precisamos construir um leque de alianças para, primeiro, ganhar Minas Gerais. Não é uma tarefa fácil, mas nós temos condições de ganhar as eleições, de ter um grande palanque para a Dilma aqui e, dependendo do que vai acontecer na eleição nacional, nós poderemos ter mais facilidades em Minas Gerais.

De qualquer forma, a minha tese é que a gente tenha um candidato só aqui, um candidato só em Minas Gerais, e que vai depender da competência do PT, do PMBD e dos outros partidos aliados construírem essa aliança política. Eles sabem que se a gente se dividir, cada um achar que é o dono da verdade, a gente pode todos perder. Se a gente se juntar, a gente pode ganhar.

Jornalista: Vamos falar de Vila Viva, que eu sei que agrada muito ao senhor. Presidente, infelizmente, por conta da chuva lá no Rio, o senhor não pôde ir na Vila São Vicente. Mas veja bem essas duas fotos (incompreensível). A dona com as filhas onde ela mora hoje e onde ela vai morar a partir de amanhã, a cara é outra. O Vila Viva, Presidente, é uma novidade que eu não canso de falar na Itatiaia, porque conheço bem. Depois eu vou até dar um livro para o senhor sobre o Vila Viva. O Vila Viva é um achado, em termos de política pública, porque transforma a vila, de um lugar perigoso, sem autoestima, em um lugar bacana, de gente com astral alto. Ele é mais do que



(incompreensível) em Belo Horizonte, ele é um exemplo para o Brasil inteiro?

Presidente: É. Aliás, nós estamos assistindo coisas importantes no Brasil. Eu cheguei no Rio de Janeiro ontem à noite, e o Governador me mostrou uma manchete de um jornal importante no Rio de Janeiro, chamado “Extra”. E tinha as pessoas na frente de uma casa, e as pessoas diziam: “Parece Tijuca, mas é o Complexo do Alemão”.

O que nós estamos percebendo? É que esse conjunto de parcerias que nós estamos construindo junto com os prefeitos, e também uma lição de vida que eu aprendi e creio que os prefeitos aprenderam, e os governadores: houve um tempo em que o presidente achava que era presidente, que não tinha nada com governadores e com prefeitos; governadores achavam que eram governadores e não tinham nada com o presidente nem com o prefeito; o prefeito era prefeito e não tinha nada com o governador e com o presidente.

Ora, quando esse tempo existia, o que a gente percebia? Era um falando mal do outro. Nós conseguimos construir, entre os entes federados, uma parceria extraordinária. O dinheiro do governo federal tem que ser repassado para os governos estaduais e para os governos municipais. Você tem que construir as coisas em parceria, quem puder mais, ajuda mais, para que o povo saia ganhando alguma coisa neste país.

E esses projetos habitacionais que estão sendo inaugurados em Belo Horizonte, iguais ao Vila Viva, são um exemplo para o mundo, sobretudo para o mundo em desenvolvimento. E é essa a lição que a gente tem que aprender: é pegar as coisas que estão dando certo em um lugar e tentar fazer, adequando à realidade de cada região, a mesma coisa, para que a gente aproveite a tecnologia, para que a gente aproveite já o aprendizado e a gente possa produzir mais e construir mais casas, para ver as pessoas com a cara feliz que está essa mulher aqui, diante do seu novo apartamento.



Jornalista: Daqui a pouquinho, lá na Serraria Souza Pinto, o senhor vai entregar os primeiros 450 diplomas a profissionais da construção civil que estão tentando estruturar a própria vida. Mesmo os mais críticos do Bolsa Família admitem que é um programa que não dá para contestar, porque matar a fome dos outros, não tem jeito. Agora, aquela história de que: “Ah, o sujeito vai ficar folgado, nunca mais vai trabalhar na vida”, ela acaba? Essa formatura de hoje é a abertura da porta de saída do Bolsa Família?

Presidente: Olha, a porta de saída do programa Bolsa Família é o crescimento econômico do País, a geração de empregos. Eu trabalho com tranquilidade com relação a isso.

Agora, na medida em que a gente possa contribuir, os empresários possam contribuir, governadores e prefeitos possam participar de um projeto em que a gente apresse o processo de formação das pessoas... Você não pense que as pessoas recebem o Bolsa Família por orgulho. Somente uma pessoa ignorante, ou uma pessoa de má-fé... Eu vou repetir: somente uma pessoa ignorante ou uma pessoa de má-fé ou uma pessoa que não conhece o povo brasileiro será capaz de dizer que uma pessoa que recebe o Bolsa Família vai ficar vagabundo e não quer mais trabalhar. É não conhecer a sociedade brasileira, porque nós temos gestos espontâneos de pessoas que não têm direito ao Bolsa Família, que recebem o Bolsa Família, e nós temos gestos extraordinários de pessoas que recebiam o Bolsa Família, e na hora em que arrumaram um empreguinho, procuraram o governo para devolver o cartão magnético do Bolsa Família. Então nós temos que acreditar, sempre, que o Bolsa Família é a ajuda inicial para que as pessoas comecem a comer as proteínas e as calorias necessárias para sobreviver. A partir daí, ele vai em frente, porque com fome ninguém faz nada.

Jornalista: A propósito, um corretor de valores de Minas, João Lanza, que



inclusive é conselheiro da Bovespa, ele fez um cálculo, Presidente, e ele assegura que o que mundo torrou nessa crise mundial recente, agora, equivale a se a gente tivesse jogado fora US\$ 1 milhão desde quando Jesus Cristo veio ao mundo, ou seja, 2009 anos jogando US\$ 1 milhão fora todo mês – palavras dele – todo dia, perdão. E o Brasil, tudo faz crer, o mundo todo reconhece isso, está se saindo melhor do que o resto do mundo. Esse é o melhor sinal de que aquela consistência – vamos ser justos – iniciada por Itamar Franco, continuada por Fernando Henrique e, acima de tudo, mantida pelo senhor com aquela atitude pouco esperada... O senhor botou um tucano, recém-eleito, ex-banqueiro, para comandar o Banco Central e, quando todos achavam que o senhor ia dar calote no FMI, o senhor pagou e está emprestando. Esse é o começo de um novo tempo, Presidente?

Presidente: Primeiro, administrar com seriedade é obrigação de todos nós. Acho que nós não construímos sozinhos o que nós estamos colhendo hoje, acho que é resultado do sacrifício deste país, de muitos anos. O que nós fizemos foi apenas não permitir que o processo eleitoral, em nenhum momento, mexesse com a lógica que nós estávamos implementando no Brasil. Nós aumentamos os juros quando precisávamos aumentar, reduzimos os juros quando tínhamos (incompreensível) para reduzir, e hoje nós temos os menores juros da história deste país. Juros reais, abaixo de 5%, eu não me lembro o tempo que o Brasil teve. E você se lembra que na Constituição de 88 a gente colocou juros, taxa real, de 12%, ou seja, nós estamos com 5%, um pouco menos, de taxa real.

A segunda coisa que eu acho importante, e muito importante, é trabalhar com seriedade. Nós fizemos muito sacrifício em 2003. Eu não conheço, na história do Brasil, um momento em que se fez o ajuste fiscal que eu tive que fazer. Você está lembrado que eu levei o superávit primário para 4,25, você está lembrado que nós fizemos... Começamos o governo cortando,



praticamente, US\$ 14 bilhões no Orçamento...

Jornalista: Foi muito criticado (incompreensível)

Presidente: Foi muito criticado. Perdi até muita gente do PT, que saiu do PT. Entretanto, hoje nós estamos colhendo aquilo que nós plantamos. Ou seja, quando você planta uma planta qualquer, você, com pressa, não planta a semente acima da terra, você tem que afundá-la na terra e regar bastante ela, para nascer a planta. Na política é a mesma coisa: você tem que fazer o que tem que ser feito corretamente, para você colher o que você precisa colher, também corretamente.

Eu, você está lembrado que no dia 22 de dezembro do ano passado eu fui na televisão fazer um pronunciamento em rede nacional para dizer que a crise tinha chegado por último no Brasil e ia sair primeiro. E fui mais: eu fui pedir para o povo brasileiro, que não estava comprando, com medo de perder o emprego, que começasse a comprar, porque ele viria a perder o emprego exatamente se ele não comprasse, porque se ele não compra, o comércio não funciona, a fábrica não produz e a economia para.

Ora, o que está acontecendo agora? De todos os países do mundo – de todos – China e Brasil são os dois países que estão em melhor situação. A economia brasileira está se recuperando. Eu tenho dito aos meus ministros que nós não temos que ser ufanistas, nós temos que ter o pé no chão, mas os sinais são extraordinários, de a economia se consolidando, e nós trabalhamos com um crescimento, para o próximo ano, acima de 4,5%. E eu acho que isso é o resultado de quem acreditou fazer as coisas certas. Nós desoneramos impostos quando precisávamos desonerar. Você veja que a indústria automobilística, nesse primeiro semestre, vendeu mais do que o primeiro semestre do ano passado, que era um semestre de ouro.

Quando nós reduzimos o IPI, eu chamei os empresários e falei para os



empresários: nós estamos reduzindo o IPI. Agora, vocês também têm uma tarefa: aumentem o número de prestações para que o povo possa comprar um carro. Se ele não pode pagar em 12 meses, paga em 24; se não puder pagar em 24, paga em 36; se não puder pagar em 36, paga em 60.

Jornalista: E foram até 100.

Presidente: E o povo está comprando carro. Quando nós fizemos na geladeira, hoje, se você pegar o comércio varejista, você vai perceber: máquina de lavar roupa está crescendo 30% a venda, por quê? Porque a máquina de lavar roupa é a maior independência da mulher. Ou seja, ela está comprando geladeira, comprando fogão, porque o povo voltou a acreditar no Brasil. Quando nós desoneramos material de construção civil, também nós queríamos que o povo pudesse comprar mais material de construção civil para fazer o “puxadinho” da sua casa.

Portanto, eu acho que nós, com a graça de Deus, estamos colhendo aquilo que plantamos, ou seja, nós plantamos tranquilidade, seriedade, e estamos colhendo o resultado.

Jornalista: O senhor falou em mulher aí, ocorreu-me algo aqui, importante: o senhor assinou uma lei, ontem, muito importante para a mulher pobre deste país. Agora, se o suposto pai não quiser fazer um DNA, vira pai pela lei.

Presidente: Veja, nós temos que dar responsabilidade às pessoas. Se um homem namora com uma mulher e engravida essa mulher, ele tem que assumir a responsabilidade, ou seja, chega de brincadeira, chega de colocar filho no mundo para os outros criarem. Ou seja, cada um tem que assumir a responsabilidade. O ato de maior grandeza que um ser humano pode ter é assumir a responsabilidade pelos seus próprios atos. Ninguém pode colocar



filho no mundo achando que o Estado vai cuidar, achando que a Igreja vai cuidar, ele tem que cuidar. Por isso, eu penso que se o Brasil continuar mais dez, 15 anos, trabalhando com seriedade... Eu tenho dito: nós aqui, em dez ou 15 anos, seremos a quinta ou a quarta economia mundial.

Jornalista: Presidente, nós não temos tempo para discutir as reformas que o Brasil precisa, e que mesmo um homem com a sua popularidade, espantosa e sempre crescente, consegue fazer porque o Brasil é muito grande, é muito complexo. Não dá para a gente falar da tributária, da trabalhista, da sindical, enfim... Mas tem um detalhe, Presidente: se o senhor ficar conosco, na redação da Itatiaia – depois de 2011 o senhor fica – duas horas, o senhor vai ver a angústia dos aposentados, daqueles que estão aposentados, Presidente, que vêem o seu poder de comprar cair ano a ano, porque o remédio não acompanha o índice que eles têm, e vão perdendo o poder de compra. E principalmente daqueles que estão na faixa dos 50 anos que contavam com aposentadoria da ordem de R\$ 3 mil – que não é muito, mas dá para comer – e que agora descobrem que o tal fator previdenciário, criado com o Fernando Henrique, com o ministro mineiro Roberto Brandt, e mantido por seu governo, ele ainda tira 30%, 40% do salário do cidadão. Com todas as dificuldades, Presidente, o senhor vai pedir ao ministro José Pimentel que discuta isso direitinho com o Congresso e com as lideranças dos aposentados?

Presidente: Deixe-me contar uma coisa importante sobre a questão da Previdência: nós tivemos... nós tomamos uma primeira decisão. Qual foi a primeira decisão que nós tomamos? A primeira decisão que nós tomamos foi a decisão de garantir que todos os trabalhadores aposentados que recebem um salário mínimo teriam um aumento acima do mínimo, para que a gente pudesse recuperar o salário mínimo. Até agora já fizemos 65% de aumento real de salário para as pessoas que ganham salário mínimo. E no meu governo,



diferentemente de outros momentos, nenhum aposentado recebeu menos que a inflação, nenhum aposentado. Então, agora tem essa PEC que está sendo discutida no Congresso Nacional, o projeto de lei aprovado pelo Paim. O que eu tenho? Eu tenho o ministro Luiz Dulci, o ministro Pimentel e as centrais sindicais discutindo uma forma de como a gente encontrar uma saída tanto para o reajuste dos aposentados que ganham mais que o mínimo, também para o fator previdenciário. Eu quero encontrar uma fórmula porque eu quero ver se ajudo as pessoas mais pobres deste país.

Agora, nós temos que levar em conta que a nossa prioridade é garantir que o salário mínimo continue aumentando para que a gente recupere o poder aquisitivo dele. E os aposentados, na medida em que a gente for tendo mais recurso da Previdência, a gente pode, sim, discutir um aumento real para os aposentados brasileiros.

Jornalista: Não dá para a gente pensar, não é, Presidente, um país em que a aposentadoria seja a mesma para um juiz, para um promotor, para um deputado, para um metalúrgico, para todo mundo, não é? Porque tem uns que aposentam com 30 mil, o outro tenta aposentar com três e não consegue. O senhor, com a origem que o senhor tem, o senhor sabe que o sujeito chegar depois dos 60 e não ter dinheiro direito para um remédio, é duro, não é, Presidente?

Presidente: É, é muito duro. Veja, agora cada um de nós se aposenta por aquilo que nós contribuímos. Se bem que você tem setores privilegiados, você tem setores privilegiados e tem setores que amargam. Mas, de qualquer forma, isso só vai mudar no dia que você tiver uma reforma na Previdência Social. E eu tenho dito para os dirigentes sindicais, tenho dito para as pessoas: nós temos que fazer reforma na Previdência Social a cada 30 anos. A cada 30 anos, nós temos que discutir a possibilidade de fazer reforma na Previdência



para que a gente prepare a Previdência para a futura geração.

Ou seja, se você fizer uma reforma previdenciária hoje, você vai fazer para quem for se aposentar daqui a 30 anos, daqui a 40 anos. Portanto, você não prejudica nem quem está aposentado, nem quem já está trabalhando, mas você vai criar para as novas gerações. E as pessoas resistem muito, mas eu estou convencido de que haverá um dia em que nós iremos convencer as pessoas de que nós precisamos adequar a Previdência Social à nossa realidade.

Jornalista: O senhor sabe que o senhor está falando a mesma língua dos aposentados e daqueles que estão para aposentar. Ou seja, se houvesse uma regra de transição, não seria tão triste, não é, para aqueles que estão na iniciativa privada. Presidente, no mundo do trabalho, o que o senhor não conseguiu realizar ainda no Brasil e qual que é a sua grande alegria? O senhor, que tem uma origem, que o senhor lembra trabalho, ABC e sindicato.

Presidente: Olhe, nós, na verdade... eu criei um grupo de trabalho com representantes de empresários, sindicalistas e governo para fazer a reforma na CLT. Qual é a dificuldade que nós temos? É que do lado dos empresários, muitas vezes, eles querem praticamente acabar com a CLT. Do lado dos trabalhadores, eles querem fazer contrato coletivo, mas querem manter todos os direitos da CLT. Assim não é possível, dos dois lados. Ou seja, o que nós precisamos é construir, sempre imaginando o seguinte: o trabalhador que entra em uma fábrica hoje não tem o mesmo trabalho pesado que eu tinha na década de 60, quando eu entrei na fábrica de parafusos Marte. As máquinas são mais modernas hoje, o trabalho é menos insalubre do que era naquele tempo, o ferramenteiro não se mata como se matava naquele tempo, um torneiro não se matava como naquele tempo.

Então, se nós tivermos o cuidado e a tranquilidade, sem que ninguém



tente prejudicar ninguém, apenas adequar a evolução tecnológica, a evolução produtiva do País e o aumento da idade dos trabalhadores, porque nós vivemos muito mais hoje... Ou seja, eu tenho 63 anos de idade, me sinto um menino. Na década de 60, quem tinha 63 anos de idade já estava no fim da vida. Então, eu penso que é apenas uma questão de maturidade. Eu trabalho com essa compreensão e eu acho que eu vou contribuir muito nessas discussões quando eu não for mais presidente do Brasil, porque aí eu vou poder falar com a isenção de alguém que foi presidente, que conhece a coisa por dentro, mas também de alguém que foi dirigente sindical e que conheceu a coisa por dentro. Portanto, eu vou tentar, em uma situação de neutralidade, contribuir para que a gente evolua nesse mundo do trabalho.

Jornalista: O senhor percebe isso no Brasil? Nós todos queremos democracia, mas (incompreensível) leva vantagem. Nós todos queremos reforma tributária (incompreensível) não pagar imposto. Nós precisamos pensar mais no coletivo, Presidente?

Presidente: Eu acho, eu acho. Eu acho que nós temos que pensar no Brasil. Olha, você está lembrado, eu mandei um projeto de reforma tributária em abril de 2003. Fomos eu, Aécio, Alckmin... Eu e 27 governadores fomos entregar, no Congresso Nacional, uma proposta de política tributária. Não votaram. No ano passado nós entregamos outra proposta de política tributária consensuada entre governadores, prefeitos de capitais, dirigentes sindicais e empresários. Quando chega no Congresso Nacional, você monta... Você manda para lá um pônei bonitinho, novinho, e aquilo vai virando um camelo, aquilo vai sendo transformado... E está lá para ser votada. Eu só quero que o Congresso assuma a responsabilidade de votar uma política tributária que a gente não pense individualmente em cada segmento da sociedade. Que a gente pense no Brasil e, depois de pensar no Brasil, a gente veja o que vai acontecer.



Jornalista: A propósito, Presidente, como a gente sabe que nem o senhor e nem Jesus Cristo conseguiria fazer uma reforma política dos sonhos, o senhor acha, por exemplo, que iniciativas como essa da Igreja Católica, da CNBB, de que o cidadão, para entrar não apenas no Congresso Nacional, mas em uma Câmara dos Vereadores, para entrar em um emprego público de qualquer natureza, tenha a ficha limpa?

Presidente: Olhe, todo mundo que concorre a alguma coisa deveria ter ficha limpa. Veja, quando alguém vai ser candidato, o nome da pessoa fica público. Se essa pessoa tem alguma dívida com a sociedade, se a pessoa praticou corrupção, cometeu um crime, fez qualquer coisa, essa pessoa tem que ser denunciada antes de ser candidata, antes de ser candidata. Eu acho que vale para tudo. Vale para um concurso público, vale para qualquer cargo, as pessoas têm que ter... O pobre, quando faz um... Eu tomava conta da Previdência em 1972, quando o pobre requeria um benefício tinha que apresentar um atestado de pobreza. Eu acho que todos nós temos que andar com um carimbo de honestidade e de idoneidade na testa para que a sociedade, ao escolher um vereador, um deputado, um prefeito, um governador, um presidente, um senador, saiba que está escolhendo uma pessoa de bem. E se essa pessoa, depois de eleita, virar, o povo tem que ter o direito de afastar essa pessoa.

Jornalista: Bom, Presidente, a gente tinha prosa aqui para uns cinco dias, mas o senhor tem que ir lá com a Serraria cumprir a sua tarefa lá. Presidente, quando o repórter não quer ser desagradável, ele deixa para o final a pergunta que chateia o entrevistado. Mas como o rádio tem o calor que o jornal não tem e tem o tempo que a televisão não tem, dá tempo de o senhor explicar essa questão que envolve o presidente Sarney. É de um outro partido, o senhor não



votou nele para senador. Agora, o que eu mais ouço na rua é o seguinte: o presidente Lula, pela história que ele tem, não pode defender Sarney como vinha defendendo, pelo menos até ontem. A pergunta é básica: é a governabilidade que exige essa postura de um chefe de nação, de ser do jeito que o senhor tem sido até agora em relação a todo o escândalo envolvendo o nome do presidente do Congresso Nacional?

Presidente: Não. É o meu senso de justiça. Eu não quero para mim, eu não quero para o presidente Sarney, eu não quero para você e para nenhum brasileiro o julgamento precipitado, sem que haja as investigações corretas. O que garante para nós a lisura das apurações e a lisura de um julgamento justo é a investigação ser correta.

O presidente Sarney está sendo acusado de muitas coisas, ou seja, de ato secreto, de contratação de pessoas, e dá a impressão que é apenas o presidente Sarney, dá a impressão que isso é uma coisa que começou ontem. Isso é uma coisa histórica no Senado brasileiro. O presidente Sarney já pediu para a Polícia Federal investigar o seu filho, e vai ser investigado. O presidente Sarney já pediu para investigar o seu neto, e vai ser investigado. A Fundação Getúlio Vargas está, a convite do presidente Sarney, fazendo um projeto de reestruturação administrativa para o Senado. Ele já suspendeu todos os atos secretos. E eu acho que nós temos que apenas ter a paciência de fazer com que as investigações sejam corretas, se apure tudo o que tiver que apurar. Depois que se apurar tudo, então se faça o julgamento.

O que nós precisamos acabar – e é essa a minha contrariedade – é que no Brasil se construiu o hábito de querer julgar as pessoas antes de as pessoas cometerem um crime. Eu vou lhe dar um exemplo: recentemente, dois ministros importantes meus tiveram acusações. Eles dois pediram afastamento. Já faz três anos e até hoje esse processo não andou. Então, você corre o risco de punir uma pessoa *ad eternum*, sem que haja uma apuração correta.



O que eu acho? Está sendo investigado? Está. O Senado, o Senado tem instrumentos de investigação, tem Comissão de Ética. O Senado já cassou o Antônio Carlos Magalhães, o Senado já cassou o Jader Barbalho, o Senado já cassou o Arruda, o Senado já... O Congresso já cassou o Collor. Então, o que eu acho é o seguinte: em vez de ficar querendo cassar as pessoas por asfixiamento, é muito melhor... As denúncias estão aí? Estão. Tem Ministério Público, tem Polícia Federal, tem Poder Judiciário; que se investigue corretamente, e depois puna essa pessoa. Porque quem puniu vai ficar satisfeito porque agiu corretamente, e quem foi punido não vai ficar com raiva porque teve uma investigação correta.

O que eu não acho é que a gente tenha que fazer o seguinte: “Ah, fulano está sendo denunciado”. Pede demissão, renuncia. Ora, se isso for verdade, os cargos eletivos perderam o valor. Quem foi que elegeu o presidente Sarney, presidente do Senado? Os senadores. Somente os senadores é que têm o direito de encontrar um jeito de fazer a investigação e de afastá-lo, se entenderem que devam afastá-lo.

Jornalista: E é deles que a sociedade, que a opinião pública deve cobrar.

Presidente: E é deles que devem cobrar. É só deles que devem cobrar. Eu só acho que a gente tem que ter paciência, porque o hábito... e você viu o meu discurso no Ministério Público, a minha única preocupação é a seguinte: é que um cidadão que tem o seu nome colocado em uma manchete de jornal de forma equivocada, depois que ele é inocentado não existe espaço para publicar a mesma manchete. Então, o que eu quero apenas é senso de responsabilidade e justiça neste país. Eu não quero para os outros o que eu não quero para mim.

Jornalista: Neste horário, Presidente, normalmente, na Itatiaia, tem um dos



programas de maior audiência, que é o Itatiaia Patrulha, que fala de violência, e as pessoas estão muito ansiosas por mais justiça. Ontem o diretor da Polícia Federal passou por Belo Horizonte para empossar o superintendente e disse o seguinte: vocês não estão vendo mais aquelas prisões espetaculares porque nós mudamos o jeito, e já não há necessidade de tanto escândalo. Mas a Polícia Federal continua a pleno vapor e está, sim, investigando quem precisa ser investigado. É isso o que o senhor garante? Quer dizer, a Polícia Federal não tem pressão e vai continuar apurando, e quem precisar ir para a cadeia, depois que apurar, se depender do Presidente, vai?

Presidente: Meu caro, você pode perguntar para qualquer membro da Polícia Federal ou qualquer membro do Poder Judiciário. Se nós tivéssemos, 20 anos atrás, construído na Polícia Federal o que nós estamos construindo, investindo na Polícia Federal, contratando mais policiais, investindo em tecnologias de investigação, formando os profissionais corretamente e investigando... Não tem, não tem. Eu duvido, se tiver algum adversário na Polícia Federal, dizer que um dia o presidente Lula tentou interferir para que alguma coisa não fosse julgada. Para mim é o seguinte, só tem um jeito de evitar que as pessoas sejam investigadas: as pessoas têm que andar corretamente. E quem cometer erro, vai ser investigado, e quem for condenado, tem que ser punido severamente. Essa é a lógica que vai dar ao Brasil a garantia de que não haverá mais impunidade.

Jornalista: Presidente, muito obrigado por mais esta atenção à Rede Itatiaia de Rádio, 60 emissoras em todo o estado, e pode mandar o recado que o senhor quiser para o povo mineiro, porque está todo mundo ligado.

Presidente: O recado que eu queria lhe dar era o seguinte. Primeiro, eu comecei o programa sem cumprimentar os nossos ouvintes da Itatiaia. Eu



cheguei aqui atrasado, fui conversar ali um tempinho com o Aécio, e não conversei com os... não cumprimentei. Então, eu quero cumprimentar os ouvintes da Itatiaia, dizer do profundo respeito que eu tenho pelo rádio. Acho que o rádio ainda é um grande veículo de comunicação neste país, e o rádio é muito importante porque as pessoas não vêem se o entrevistado é feio ou bonito, ou seja, não fazem o julgamento da aparência. Fazem pelo que a pessoa está falando aqui. Eu acho que como nós temos muito o que conversar, eu gostaria de te propor o seguinte: daqui a um tempo, o nosso ministro Franklin, o Laércio, entrar em contato contigo, ou você vai a Brasília para a gente fazer uma hora de programa sem censura, um programa em que você pergunta o que quiser, ou responda o que quiser, para que a gente faça uma prestação de contas sobre as coisas que o governo federal está construindo em Minas em parceria com as prefeituras e com o governo do estado. Eu acho que está na hora de uma prestação de contas.

Jornalista: Está combinado, Presidente. Um abraço.

Presidente: Um grande abraço, e até a próxima vez.

Jornalista: Este é o presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Está deixando aqui o aeroporto, a caminho da Serraria Souza Pinto. Ao vivo, da Pampulha, Eduardo Costa.

(\$31DHJLP)